

Entre a historiografia e a teoria da história: as contribuições de Voltaire em discussão

*Between historiography and the theory of history:
Voltaire's contributions under discussion*

João Carlos Furlani*

Resumo: Em meio a grandes nomes do século XVIII encontra-se François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire, um dos mais célebres e críticos pensadores das Luzes. Não é surpresa que diversos foram os especialistas que dedicaram e dedicam esforços ao conjunto de suas obras e pensamento. Com isso em mente, temos como objetivo apresentar e discutir a historiografia a respeito de Voltaire, de modo que possamos analisar, por diferentes apreciações, o entendimento das suas ideais e contribuições, com destaque para os campos da historiografia e da teoria da história. Para melhor compreensão dessa figura, também abordaremos um pouco de sua trajetória e reflexões políticas, que foram importantes para o seu pensamento histórico. Ao fim e ao cabo, percebemos que, em meio a uma expressiva continuidade de trabalhos sobre Voltaire, dificilmente teríamos uma opinião mútua sobre suas concepções políticas ou mesmo históricas, indo de críticas a elogios, amiúde eivadas de exagero. Não obstante a isso, acreditamos que a posição de Voltaire entre os historiadores é singular, posicionando-se no ponto de inflexão entre uma antiga era historiográfica, na qual coexistiram os mais diversos tipos de fazeres históricos, para uma nova era historiográfica, na qual houve o incremento de técnicas e métodos que deram o pontapé a um status de cientificidade.

Palavras-chave: Século XVIII; Iluminismo; Historiografia; Teoria da História; Voltaire.

Abstract: Among the great names of the 18th century is François Marie Arouet, better known as Voltaire, one of the most famous and critical thinkers of the Enlightenment. It is not surprising that many specialists dedicated and dedicate their efforts to the whole of his works and thought. With that in mind, we aim to present and discuss the historiography about Voltaire, so that we can analyze, through different appreciations, the understanding of his ideals and contributions, with emphasis on the fields of historiography and the theory of history. For a better understanding of this important figure, we will also address some of his trajectory and political reflections, which were important for his historical thinking. In the end, we realized that, during an expressive continuity of works on Voltaire, we would hardly have a mutual opinion about his political or even historical conceptions, ranging from criticism to praise, often fraught with exaggeration. Despite this, we believe that Voltaire's position among historians is unique, positioning himself at the inflection point between an old historiographical era, in which the most diverse types of historical doings coexisted, to a new historiographical era, in which there were the increment of techniques and methods that gave the kick to a scientific status.

Keywords: 18th century; Enlightenment; Historiography; Theory of History; Voltaire.

Recebido em: 26/04/2022
Aprovado em: 24/06/2022

* Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), sob orientação do prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva. Mestre, licenciado e bacharel em História pela mesma instituição. E-mail: joao.furlani@gmail.com.

Introdução

O século XVIII, especialmente na Europa, foi marcado pelo aumento da produção agrícola, pela urbanização acelerada, pela invenção da máquina a vapor e da locomotiva e por uma nova relação com a economia. Na Inglaterra, viviam-se tempos de grandes saltos tecnológicos, devido às formas de transporte e à mecanização da produção com a chamada Primeira Revolução Industrial. Não obstante esses acontecimentos, outras esferas são consideradas como igualmente importantes para o período em questão, como a forte expressão da razão, da crítica, das desmistificações e esclarecimentos, que fazem jus à alcunha de “Século das Luzes”.

Ainda que muitos pesquisadores venham discutindo as origens daquilo que se convencionou a chamar de Iluminismo, é o Século das Luzes o seu marco referencial. Mediante a ascensão de uma série de pensadores, provenientes de um espaço-tempo próximo, ocorreu a síntese de diversas tradições filosóficas, sociais, políticas, correntes intelectuais e atitudes religiosas. Tais pensadores, de modo geral, tinham como ideal a extensão dos princípios do conhecimento crítico a todos os campos da humanidade. Conjeturavam poder contribuir para o progresso da humanidade e para a superação dos resquícios tirânicos e superstições que creditavam ao Medievo. A maior parte deles também associava o ideal de conhecimento crítico à tarefa do melhoramento do estado e da sociedade. Por essa razão, foram tradicionalmente chamados de iluministas (FALCON, 1996, p. 5-19). Como consequência direta dessa atmosfera crítica e da pluralidade de ideias a respeito dos mais diversos temas, é impossível classificar o Iluminismo como um movimento único e uniformizante, mas como plural e até mesmo contraditório. Assim como adverte Franco Venturi (1971, p. 24-29), os intelectuais das Luzes não formaram um partido, nem uma corrente única, já que o “partido” dos filósofos não era suficientemente unido, nem suficientemente decidido para se colocar à frente da opinião pública.

Mais do que apenas uma filosofia digna de academicismo, o Iluminismo constituía um ambiente cujo aspecto fundamental se explicava na crença das forças da razão, que seria capaz de resolver terminantemente os problemas da vida, da ciência e do homem. Assim, salões literários e cafés, passaram a ser frequentados por políticos, diplomatas, homens das letras e das ciências, dentre outros, que se alinhavam e professavam uma filosofia que exaltava a razão subjetiva e crítica como expressão de um novo humanismo. Paul Hazard (1948, p. 34-35) declara que é justamente esse movimento o responsável por desencadear aquilo que denomina de “crise de consciência europeia”.¹

¹ A chamada crise de consciência europeia dos anos 1680-1715, importante foco de fissura para a formação de uma nova civilização na Europa Ocidental, foi um fenômeno que pertenceu apenas a uma parcela das

Em meio aos ilustres protagonistas das Luzes se encontra a personagem de nosso foco neste artigo: François Marie Arouet, mais conhecido como Voltaire. Não é surpresa que diversos foram os especialistas que dedicaram e dedicam esforços a esse indivíduo, seja para criticá-lo, exaltá-lo ou simplesmente para compreender um pouco suas ideias e o período em que viveu. Nesse sentido, nosso objetivo é apresentar e discutir a historiografia a respeito de Voltaire, de modo que possamos analisar, por diferentes apreciações, o entendimento a respeito das suas ideias e contribuições para o século XVIII, também conhecido, na França, como o “Século de Voltaire”, bem como para os períodos posteriores, incluindo os campos da historiografia e da teoria da história.

Um pouco da trajetória de Voltaire

François Marie Arouet, nascido em 21 de novembro de 1694, era filho de uma abastada família parisiense. Seu pai era tabelião, pagador de especiarias e recebedor de multas na Câmara das Contas, apesar disso, possuía uma pequena fortuna e desejava ver o filho estudando Direito para tornar-se advogado na corte (CHAUI, 1978, p. 115). Já sua mãe, Marguerite Daumard, provinha da pequena nobreza de Poitou, porém, faleceu logo após dar à luz a ele. Seu irmão mais velho, Arnaud, destacou-se por se tornar seguidor do jansenismo, um culto considerado herético pela Igreja.² Voltaire, logo cedo, teve contato com escritores e filósofos de sua época, e sua educação o dotou de instrumentos de erudição necessários para o reconhecimento de seus pares, como latim, retórica, história, filosofia, além da leitura dos clássicos (BARROS, 2012, p. 8). Sob a tutela do abade de Châteauneuf, Voltaire logo foi introduzido nos círculos literários parisienses e em Louis-le-Grand, uma escola de matriz jesuítica. Apesar de seu pai ensinar uma respeitável carreira de funcionário no governo da França, Voltaire era descrito pelos professores como um rapaz de talento, porém um patife notável (PEARSON, 2005, p. 24-25; BENTIVOGLIO, 2005, p. 175).

Um curioso caso referente ao início da carreira de Voltaire ocorreu em uma missão diplomática na Holanda, onde conheceu Olympe Dunoyer, por quem se apaixonou e

elites, a uma “fina película” desses segmentos sociais em alguns poucos países europeus, como a França, a Holanda e a Inglaterra. Isso para afirmar que “as ideias que farão ruir o Antigo Regime, e que já estavam presentes no espírito de alguns pensadores desde a época de Bossuet, são uma espécie de veneno lento”, assim como afirma Lopes (2005, p. 31). Nesse sentido, Suzanne Pillorget (1981, p. 185) afirma que, “[...] uma nova ideologia, fundamentalmente hostil às bases políticas e religiosas do século precedente, nasce lentamente, e até meados do século apenas atinge um número restrito de membros da elite social”.

² O jansenismo foi um movimento de caráter dogmático, moral e disciplinar, que assumiu também contornos políticos; tendo sua origem apoiada nas ideias do bispo de Ypres, Cornelius Jansen. Desenvolveu-se principalmente na França e na Bélgica, nos séculos XVII e XVIII, em reação a determinadas doutrinas e práticas praticadas no seio da Igreja Católica (CHANTIN, 1996, p. 10-20).

se tentou levar para a França. Todavia, como ela era protestante e nenhum padre quis convertê-la ao catolicismo, o pai de Voltaire exigiu que ele retornasse sozinho para casa (BENTIVOGLIO, 2005, p. 175). Tamanha foi a desilusão de Voltaire, que ele passou a escrever poesias, aspirando tornar-se um grande trágico à altura de Racine e Corneille e até mesmo superá-los.

O brilhantismo literário de Voltaire parecia ser a chave para o início de sua carreira. Por essa razão, escreveu poemas cômicos e trágicos e tornou-se frequentador assíduo dos salões e festas, onde ganhou fama por seus casos amorosos e sua arrogância. Devido à essa característica, angariou a antipatia de muitos, o que lhe custou uma prisão na Bastilha, em 1717, acusado de escrever anedotas contra o regente, duque de Orléans (FITZPATRICK, 2000, p. 64). Cumpre notar que é a partir desse episódio que o jovem literato, então, adota o pseudônimo Voltaire (THACKER, 1971, p. 3).³

Algumas das características da personalidade de Voltaire que conhecemos hoje são bem próximas daquelas contidas em um relatório policial do século XVIII, que o descreve como um homem magro, de lábios finos e apertados, sem barba, com olhos vivos e perspicazes, portador de um jeito de sátiro e terrivelmente malicioso e encantador (CHAUÍ, 1978, p. VIII).

No início de 1726, Guy Auguste de Rohan-Chabot, também chamado de Chevalier de Rohan, provocou Voltaire sobre sua mudança de nome, que imediatamente retrucou que seu nome ganharia a estima do mundo, enquanto o de Rohan mancharia o seu. Como consequência, os capangas da família do *Comte de Chabot* surraram Voltaire alguns dias depois. Buscando reparação, Voltaire desafiou o Chevalier para um duelo, mas a poderosa família do nobre francês conseguiu que Voltaire fosse preso, sem julgamento, na Bastilha, em 17 de abril de 1726 (PEARSON, 2005, p. 65-67). Como uma das exigências de sua saída da prisão, Voltaire se exilou na Inglaterra, onde abdicou do ofício de poeta para se tornar panfletário (DAVIDSON, 2010).⁴

Sua experiência em solo inglês foi decisiva para a trajetória que seguiria. Em janeiro de 1727, foi apresentado ao rei Jaime I, aproximando-se do príncipe de Gales, de poetas, como Edward Young e Alexander Pope, e de filósofos, como Berkeley e Clarke,

³ Arouet adotou o nome Voltaire em 1718, após sua prisão na Bastilha. A origem de tal nome não é clara, mas sabe-se que é um anagrama de AROVET LI, a grafia latinizada de seu sobrenome, Arouet, e as letras iniciais de *le jeune* ("o jovem") (THACKER, 1971, p. 3). Também se afirma que Voltaire seja uma variação de *le petit volontaire* ("o pequeno voluntário"), apelido recebido por sua família durante a infância. Ao inverter as sílabas da palavra, Voltaire também soa de maneira similar a Airvault, cidade natal de sua família na região de Poitou. (PEARSON, 2005, p. 17-24). De uma forma ou de outra, em uma carta a Rousseau, datada de março de 1719, Voltaire solicita uma resposta em nome de Monsieur de Voltaire, uma vez que estava infeliz sob o nome de Arouet, principalmente por ser confundido com o poeta Adenes le Roi (cf. VOLTAIRE, 2008).

⁴ Nem sempre é aceita essa ideia de mudança do âmbito poético para o panfletário como é ressaltada por alguns biógrafos (BENTIVOGLIO, 2005, p. 176).

além de desenvolver um interesse pela literatura inglesa, especialmente Shakespeare. Em seus novos escritos, nota-se uma orientação reformadora em seu modo de pensar, difundindo especialmente o empirismo de Locke e o método experimental-matemático de Isaac Newton (ALBERT, 1997, p. 76-80; PEARSON, 2005, p. 76-82). Não à toa, suas *Lettres philosophiques* ou *Cartas filosóficas*, publicadas após o seu regresso à França, em 1734, provocaram enorme escândalo, sendo acusado por desrespeito às autoridades e por ofender a religião e os bons costumes franceses (cf. VOLTAIRE, 2007).

Para evitar uma nova prisão, a partir de 1734, Voltaire se refugiou no castelo de Cirey, sob a companhia da marquesa de Chatelet, matemática e mãe de três filhos, com quem teve um caso por dezesseis anos (cf. MITFORD, 1957). Sob a influência da marquesa e de seu círculo intelectual, na maior parte dos quinze anos subsequentes, Voltaire estudou física, metafísica e história (PEARSON, 2005, p. 117-138). Na década seguinte, no entanto, consegue retornar a Paris, dessa vez como historiógrafo real, sendo eleito para a Academia Francesa, em 1746 (BENTIVOGLIO, 2005, p. 176). Naquele momento, já era conhecido e reconhecido como grande literata e filósofo em boa parte da Europa. Após a morte da marquesa e mediante o convite de Frederico II, rei da Prússia, transferiu-se para Berlim, onde integrou o círculo de intelectuais do monarca e tornou-se seu professor de francês. Porém, após acusações de roubo e falsificação por Abraham Hirschel, um financista judeu, e desentendimentos com o presidente da Academia de Ciências de Berlim, em defesa da teoria newtoniana, regressa para a França em 1753, mas não antes de ser preso novamente, agora em Frankfurt (PEARSON, 2005, p. 232-235).⁵ Ao pisar em solo parisiense, descobre que estava proibido de lá permanecer, dessa forma, segue para Genebra, onde escreveu algumas de suas maiores obras históricas, como *O ensaio sobre os costumes e o espírito das nações*, *Os principais fatos da história de Carlos Magno a Luís XIII* e *O século de Luís XIV*.

Possivelmente, sua sagacidade, astúcia e ironia, juntamente com sua inteligência, proporcionaram a fama – e a infâmia – de Voltaire no continente europeu. Motivo pelo qual, foi convidado pelos enciclopedistas, encabeçados por Diderot, a colaborar na confecção da ambiciosa *Enciclopédia*, para qual registrou quarenta e três verbetes. Esse período costuma ser definido como um marco da tão conturbada relação entre Jean-Jacques Rousseau e Voltaire, uma vez que esse último ironizou a defesa do estudo da natureza de Rousseau, ridicularizando a concepção de bom selvagem, além de criticar seus princípios democráticos e a chamada vontade geral. Discutiram, também, até pela decisão da construção de um teatro em Genebra, na qual Voltaire, ao contrário de Rousseau, mostrava-se a favor (BENTIVOGLIO, 2005, p. 177).

⁵ Após o incidente na Prússia, Voltaire tentou difamar o rei Frederico, mediante a publicação de *Mémoires pour servir à la vie de M*, em 1759. Apesar disso, a correspondência entre ambos continuou por longos anos, indicando uma reconciliação (MITFORD, 1970, p. 184-185).

Por fim, Voltaire mudou-se para a pequena comuna francesa de Ferney, onde passaria o resto da vida cuidando de sua propriedade, dedicando-se ao ofício da escrita e opinando em casos de grande repercussão pública, sobretudo aqueles protagonizados por injustiças e intolerâncias.⁶ Nesse período, publicou a mais famosa de suas obras, *Cândido, ou o Otimismo*, uma sátira à filosofia determinista. Ao que parece, por suas obras, Voltaire, além das perseguições e críticas, teve como recompensa a notoriedade e a glória pública. Assim como ressalta Chauí (1978, p. IX), em 1778, Voltaire foi recebido entusiasticamente em Paris, ao ser representada sua última peça teatral, a tragédia *Irene*. Na noite de 30 de março, o busto de nosso autor foi coroado por louros e intensamente aplaudido pela plateia. Dois meses depois, em 30 de maio, Voltaire falece aos 83 anos de idade (LEPAPE, 1995, p. 282-284).

Voltaire em discussão

Voltaire é, sem dúvida, uma personagem muito intrigante: combate o que acredita estar errado ou ser injusto à sua maneira, age inconsequentemente ou simplesmente não se importa com as consequências, exalta e crítica reis e homens de seu tempo. Seu comportamento lhe garantiu sua fama e notoriedade por uns e a inveja e repulsa de outros. Cabe aqui lembrar as palavras de Montesquieu (1949, p. 122) a respeito de Voltaire, que declara: “[...] é uma incógnita saber quem lhe fez mais justiça, os que lhe deram mil louvores, ou os que lhe deram cem pauladas”. Em seu tempo, o filósofo de Genebra, Jean-Jacques Rousseau, percebeu que Voltaire era muito visado em toda a Europa. Por isso, em resposta às suas críticas de Voltaire, declarou que as injúrias provindas desse último eram o cortejo de sua própria glória (GOLDZINK, 1994, p. 142).

Mediante a trajetória apresentada até aqui e a declaração de Montesquieu, podemos perceber que dificilmente obteremos uma visão concisa a despeito de Voltaire, o que não é algo a se espantar. Como primeiro problema, temos a insistência em defini-lo em alguma categoria específica, sendo elas: a de poeta, literato, historiador, filósofo, interventor, entre outras. Não diferentemente, há também a associação de suas ideias a determinados campos de pensamento. Maria das Graças de Souza (2001, p. 96), por exemplo, chega a afirmar que Voltaire tivera duas preocupações: a literatura e a religião. É fato que ele se preocupava com sua carreira literária e que a religião era um tema constantemente presente em seus escritos. Mas negar suas outras preocupações é

⁶ Como exemplo de sua atuação crítica às injustiças e intolerâncias, citemos as suas defesas de Jean Calas (1762), do caso Sirven (1764) e do cavaleiro de La Barre (1766), todas vítimas de intolerância religiosa (cf. VOLTAIRE, 2000).

como negar que o Século das Luzes não esteve marcado pelas reflexões entre governo e sociedade, entre Estado e população, em suas mais diferentes expressões, incluindo aí a política. Se por um lado, seus temas mais pertinentes giravam em torno da religião, era porque, para ele, seria necessária uma distinção entre comunidade política e comunidade religiosa, a qual Koselleck (1999, p. 92) define como uma “[...] divisão dualista do mundo em um domínio da moral e um domínio da política. Porém, a lei política podia revelar-se imoral e a lei moral, por sua vez, imponente, tal como afirma Bentivoglio (2005, p. 185). Voltaire utilizava dos teatros como meio de expressão e de jurisdição moral, no qual era feita a separação entre justo e injusto, vícios e virtudes, o nos dizeres de Koselleck (1999, p. 134) seria uma moralização intencional da política, uma politização do mundo do espírito.

As preocupações de Voltaire, segundo Venturi (2003, p. 167), nos remetem ainda mais à esfera política do século XVIII, de modo que o seu olhar continua a estar fixado sobre Paris, sobre as lutas contra os parlamentos, sobre a crise do reinado de Luís XV e sobre a tentativa de organizar a opinião política em torno de um grupo cada vez mais compacto de filósofos. O autor completa que Voltaire sabia que justamente nessa esfera estava o campo no qual os iluministas travariam um combate decisivo, ou seja, no interior da monarquia, na base do absolutismo.

Mediante as análises citadas, podemos perceber que as preocupações de Voltaire não consistiam apenas nos âmbitos religiosos e literários, como defendem outros autores, o que não diminui sua atenção a tais temáticas. Venturi (2003) nos fala sobre o olhar de Voltaire estar fixado sobre problemas políticos, especialmente os de Paris. Assunto esse que muito agrada àqueles que buscam um Voltaire engajado em ações críticas à política. Goldizink (1994, p. 70), ao referir-se à tentativa de o Príncipe das Luzes aprovar em Versalhes seu “projeto” de *O século de Luís XIV*, declara que “a história da dinastia permanece sempre, ao longo do Antigo Regime, negócio de Estado, e o nome de Voltaire não era garantia suficiente de prudência”. Percebemos, nesse caso, aquilo que os historiadores vêm chamando de Voltaire interventor, ao mesmo tempo em que, como envolvido na política de seu tempo, pisaria em campos minados pelo Estado absolutista francês, em temas que a monarquia preferia não levar a público. Segundo Lopes (2001, p. 20), o próprio Voltaire reconheceria, em 1745, já na condição de historiógrafo do rei, que “[...] a história da França exigia tal liberdade que só poderia ser escrita, verdadeiramente, fora da França”. De modo semelhante, René Pomeau (1957, p. 16) aponta que numa monarquia, “[...] o historiador do presente permanece, sempre, mais ou menos historiógrafo”. Lopes (2001, p. 20) acrescenta à sua análise que a maior amargura de Voltaire, em tal âmbito, “[...] foi não poder oferecer *La Henriade* a Luís XV; isso porque o livro tocava, apesar de ser bastante elogioso para com Henrique IV, em questões que não se devia discutir no século XVIII: história, política e religião”.

Na perspectiva supracitada, portanto, Voltaire exibia o caráter de um intelectual interventor, uma vez que participava ativamente dos processos que mobilizavam uma incipiente opinião pública.⁷ Na opinião de Lopes (2001, p. 77), Voltaire buscava “[...] exercer um ‘império intelectual’, à moda do Século das Luzes, por seu espírito de conquista e o anseio de dominação cultural”. Se recuarmos aos escritos de Michelet, também encontramos características de um Voltaire interventor, embora por uma perspectiva que afirme que o nosso filósofo tomou para si as dores do mundo. Em suas palavras:

Tudo o que o fanatismo e a tirania sempre fizeram de perniciosos ao mundo, foi a Voltaire que fizeram, é a ele que se decapita em São Bartolomeu, é a ele que se enterra nas minas do novo mundo, é a ele que o parlamento de Toulouse suplicia com Calas... Ele chora, ele ri nos tormentos, riso terrível, ao qual se desmoram as bastilhas dos tiranos, os templos dos fariseus (MICHELET, 1846, p. xc-xci).

Apesar das diferentes abordagens, ambas as definições de um Voltaire intelectual interventor exprimem a preocupação com atividades ocorridas com o público, como, por exemplo, no caso de Jean Calas, que motivou Voltaire a escrever seu *Tratado sobre a tolerância* (PEARSON, 2005, p. 284-90).⁸ Vocábulo esse que foi ressignificado após o seu exílio em solo inglês (DAVIDSON, 2010).

Não muito diferentemente dos demais intérpretes de Voltaire, como Pomeau, Lopes (2001, p. 20) enfatiza que o período do exílio na Inglaterra “[...] transformou o homem de letras em filósofo”. Acrescenta ainda que “[...] seu diálogo direto com Berkeley e os filósofos ingleses levaram-no não só a descobrir a filosofia, mas a incorporar também a história em seu universo de preocupações, da mesma forma como passou a se interessar pela política e pela religião como temas relevantes” (LOPES, 2001, p. 20). Por essa mesma lógica, Goldzink (1994, p. 69) expõe que, após o contato com os ingleses, “Voltaire toca em questões escabrosas, quer dizer religiosas, com um ardor suspeito, um proselitismo imprudente”.

Após a publicação de suas *Letters concerning the English nation (Cartas inglesas)* na França como *Lettres philosophiques (Cartas filosóficas)*, nas quais critica o regime

⁷ Sabemos que no século XVIII não existia a palavra intelectual em seu sentido atual. De acordo com Carlo Marletti, “a palavra *intellectuel* apareceu na língua francesa na metade do século XIX. O que havia de mais próximo a ela anteriormente era o conceito *inteligência*, neologismo de um romancista russo que Turgueniv acabou divulgando. Provavelmente já estava em uso antes, em alguns círculos literários e políticos, mas seu registro de nascimento, isto é, sua oficialização, remonta ao célebre *Manifeste desintellectuels*, publicado no diário *Aurore* de 14 de janeiro de 1898” (LOPES, 2001, p. 77).

⁸ Voltaire estimulado por um fato que abalou a França no século XVII, a condenação à morte de Jean Calas, um protestante inocente, na cidade de Toulouse, tradicionalmente e fervorosamente católica, passou a escrever seu *Tratado sobre a Tolerância*, fazendo críticas aos ânimos exaltados e sentimentos levados ao extremo em toda a Europa, que separavam protestantes e católicos (cf. VOLTAIRE, 2000).

político francês e exalta a Inglaterra e seus homens, Voltaire se viu envolvido em um grande escândalo (PEARSON, 2005, p. 99). Pomeau (1994, p. 12), ao resumir tal obra, declara que Voltaire deveria ter em mente o seguinte pensamento: “Que pobre país era a França, afogada em seus abusos, em suas superstições, em suas misérias, em comparação com a Inglaterra ativa, onde os homens têm caráter e ousam pensar”. Lopes (2001, p. 21) acrescenta que Voltaire ressaltou o “[...] arcaísmo de uma nação francesa esgotada e a grandeza de uma Inglaterra, ‘ilha venturosa’ e a soberbamente moderna”; o que o teria feito optar pela crítica ao governo de Luís XV, abarrotado de uma condescendência moderada. Apesar de tais cartas não terem sido bem recebidas pelos membros da Igreja e da monarquia francesa, elas obtiveram grande sucesso pelo público geral, de modo que permaneceram em evidência por muito tempo, o que, por sua vez, custou a Voltaire mais uma perseguição pela polícia de Paris.

Voltaire e a esfera política

Um importante tema identificado na historiografia a respeito de Voltaire refere-se à sua atuação no âmbito político e às suas concepções e ideais sobre política. É preciso advertir que pontuar a relação de Voltaire com a esfera política não quer dizer desvinculá-la de suas ações em outros campos, uma vez que suas obras históricas, dramáticas e literárias, bem como as que dizem respeito à religião, essencialmente, possuem um teor político.

Acerca do pensamento político voltairiano, portanto, Jacques Godechot (1968, p. 309) defende que “[...] o regime preconizado por Voltaire é um regime absoluto, mas do qual seriam banidos a injustiça e o arbítrio [...], e no qual o soberano seguiria os conselhos de filósofos como ele”. Ideal nada inovador, diga-se de passagem. George Huppert (1973) justifica essa posição política, ao declarar que Voltaire, temerosamente, percebeu o potencial de destruição das guerras civis. Esse medo, alega o autor, se manifesta por meio de um culto excessivo do absolutismo real, modo pelo qual Voltaire acreditava exorcizar o temor de um passado de guerras civis. Não muito diferente pensa Lopes (2001, p. 36), que declara que “[...] essas subversões *sazonais* do curso natural da história, barrando o caminho de um regime crescente de paz e prosperidade, reforçam em Voltaire a aspiração a uma monarquia cuja soberania esteja inequívoca e acentuadamente concentrada nas mãos de um príncipe virtuoso”. Lopes (2001, p. 28) acrescenta que Voltaire era um dos mais apaixonados partidários da monarquia, e é bem possível que essa posição tenha se derivado de sua convicção de que um poder forte e reconhecido por sua autoridade seja o único regime a guiar um grande Estado ao bom governo. No que concerne às análises que Voltaire faz dos governos da

história da França, os mais importantes foram aqueles nos quais o reconhecimento do poder real era mais visível, como nos casos de Henrique IV, passando pelo ministério de Richelieu, até culminar em Luís XIV. A esse respeito, Lopes (2001, p. 37) argumenta que é preciso compreender essas defesas quase incondicionais de Luís XIV em seu contexto, já que, à época de Voltaire, houve uma tradição muito restrita e até hostil à memória de Rei Sol, e Voltaire, estudioso das ações desse monarca, estava empenhado em reunir elementos para sua defesa.

Ao defender as ideias de um Voltaire interventor, com suas ações fundadas na política, especialmente em assuntos públicos, nas quais conseguiu revisões de processos e reabilitações de seus indicados, Goldzink (1994, p. 98) declara: "Por sobre as fronteiras, por fim senhor de si mesmo, ele vai, de cólicas em vapores, ocupar-se infatigavelmente de tudo aquilo que não percebe um homem de letras tradicional". Ernst Cassirer (1961, p. 56), por sua vez, considera que não apenas Voltaire, mas "[...] os pensadores do século XVIII, os filósofos do Iluminismo, viram o caráter de Maquiavel sob uma luz mais favorável". Em concordância com tal ideia, Lopes (2001, p. 102) afirma que Voltaire, "[...] de fato, enxergou a política por um viés análogo ao de Maquiavel, ao perceber na ação do príncipe o meio mais eficaz de alcançar a ordem. Em Voltaire, o espaço da *virtù* encontra embaraços éticos muito consistentes. O príncipe só terá as mãos livres se agir de acordo com a justiça e, mais importante do que isso, dentro da lei". José d'Assunção Barros (2012, p. 9), na mesma linha, assevera que mesmo em sua produção historiográfica, Voltaire ainda expressa o interesse em contribuir para a educação dos governantes, à maneira dos antigos espelhos de príncipes, uma vez que o rei ideal de Voltaire é "[...] o rei-filósofo, sábio, esclarecido, de modo que, se Voltaire será um crítico das tiranias e do obscurantismo, será, contudo, simpático ao modelo do déspota esclarecido".

Para Guy Chaussinand-Nogaret (1994, p. 104-105), Voltaire tinha consciência dos limites do despotismo esclarecido, de certa forma concebendo a ação civilizadora que ocorria por baixo das botas dos reis como uma espécie de mal necessário numa época favorável ao progresso dos povos. Com efeito, Lopes (2001, p. 77) declara que o paradigma intelectual-político do Príncipe das Luzes, fundamenta-se sobre a seguinte questão: "[...] conduzir os seguimentos dirigentes do poder político pela via esclarecida da razão iluminista, mesmo que essa intenção última traduza um enorme e insaciável apetite pelo próprio poder, ainda que na condição de coadjuvante, ou seja, filósofo ou pedagogo de cabeças cingidas por coroas".

No que tange às ideias fundamentadas no terreno da política, Pomeau (1994, p. 24-25) afirma que "Voltaire é bastante indiferente aos problemas das instituições. Idealista, ele quer mudar 'o espírito dos homens'". Talvez por isso, Voltaire não seja considerado um pensador político da envergadura de um Montesquieu ou de um

Rousseau, sendo acusado de falta de rigor e organização. Por essa perspectiva pensa Lopes (2001, p. 122), que afirma: “Sendo fraco como teórico da política, e guiado por um acentuado anticlericalismo, ele tende para o pragmatismo. Seus combates contra a intolerância e o fanatismo reduzem consideravelmente o alcance de suas reflexões políticas, quase as restringindo à cultura do Antigo Regime”. Ernst Cassirer (1994, p. 189) esclarece o posicionamento político de Voltaire e seu comportamento público ao ressaltar a atitude cética do filósofo em face da religião, especialmente o cristianismo, o que caracterizaria a própria essência do Iluminismo e a compreensão do futuro como um tempo desconhecido (MENEZES, 2014, p. 59-76).

Como meio de obtenção do que julgava correto, ou dentro da lei, Voltaire utilizava a escrita, não apenas como uma expressão estética, mas como um valioso instrumento de crítica. Assim como declara Chaussinand-Nogaret (1994, p. 147), “Voltaire nunca separou seu ofício de homem de letras de seu engajamento político. A literatura é, de início, um dever cívico, e a filosofia o sinônimo transcendente da cidadania”.

Voltaire como historiador

No século de Voltaire, a história passou a ser um domínio em expansão, principalmente se comparada às possibilidades da história do século XVI e de grande parte daquela produzida no século XVII. Ou seja, houve uma nova maneira de se fazer história e um novo trabalho dos eruditos, alargando o campo de estudo e escrita. Contudo, isso não foi suficiente para romper as rígidas tradições historiográficas, que não acompanharam os progressos da crítica documental no século XVII (LOPES, 2001, p. 24-25). Mesmo assim, o número de historiadores e historiógrafos aumentou consideravelmente a partir do século XVIII, e Voltaire, inserido nesse contexto, foi uma figura importante entre os partidários das novas exigências. As obras históricas mais conhecidas de Voltaire são *História de Carlos XII* (1731), *A Era de Luís XIV* (1751) e seu *Ensaio sobre os Costumes e o Espírito das Nações* (1756), nas quais buscou romper com a tradição de narrar eventos diplomáticos e militares ao enfatizar costumes, conquistas nas artes e ciências, além de elementos sociais e culturais. Assim como afirma Vrooman (1970, p. 175), também há uma historicidade nas peças teatrais de Voltaire, sobretudo aquelas que apresentam ambientação histórica. Além de suas obras historiográficas propriamente ditas, Voltaire estabeleceu um outro gênero histórico, o qual chamou de “história filosófica”. Para Barros (2012, p. 28), é exatamente nesse gênero textual que “[...] encontramos mais bem apresentados os vislumbres que sintonizam com a futura historiografia, para além de seu tempo e mesmo do século XIX”, como é possível notar nas *Cartas filosóficas*, no *Ensaio sobre os costumes* ou mesmo em *Zadig*.

Pierre Lepape (1995, p. 79; 90-94) afirma que Voltaire deu início a seus trabalhos de cunho histórico, convertendo-se em nome de glória literária a ser dilatada, na medida em que ele já havia se consolidado no âmbito das artes, especialmente com sua dramaturgia, mesmo que determinadas peças não tivessem alcançado grande popularidade ou tenham sido um fracasso.

Já para Lopes (2001, p. 25), o espírito de historiador de Voltaire foi aguçado pelo olhar do filósofo; e sua argúcia filosófica foi instrumentalizada em sua obra contra as gerações dos historiadores-fabulistas que o antecederam. A despeito da história produzida por esses historiadores, que consistia fortemente em mitos políticos, sabemos que na França, durante o Século das Luzes, ela foi repudiada pelos seguidores da nova historiografia, que a consideravam uma lenda de tempos de obscurantismo, o que inclui Voltaire. Ernst Cassirer (1961), referente ao terreno da história das ideias políticas, declara que o século XVIII começou a exprimir uma nova etapa do processo de dessacralização milenar do pensamento político, como a lenta vitória do agnosticismo sobre as formas teológico-religiosas na política. Entretanto, para Lopes (2001, p. 27), “[...] é preciso recordar que o fenômeno da secularização no Ocidente cristão não se verificou por uma invasão das ideias imanentistas sobre concepções transcendentais na esfera da política”.⁹ Por sua vez, Pomeau (1990, p. 20) ressalta que Voltaire estava ciente que o verdadeiro não coincide sempre com o verossímil, mas fiava-se geralmente nas verossimilhanças, porque acreditava num ideal de natureza humana, definindo como natureza os hábitos da Europa contemporânea, recorrentes em seus trabalhos.

Voltaire era extremamente crítico aos trabalhos históricos dos séculos passados e ao modo de fazer história que ainda reinava em seu próprio tempo. Guillaume de Syon (1999, p. 100-101) argumenta que Voltaire reformulou a historiografia em termos factuais e analíticos, pois ele não apenas rejeitou as biografias e relatos tradicionais permeados de forças sobrenaturais, mas chegou ao ponto de sugerir que a historiografia anterior estava repleta de evidências falsificadas, exigindo novas investigações das fontes utilizadas. Tal perspectiva racionalista seria, portanto, fundamental para reescrever a história.

Uma das críticas mais áspers de Voltaire ao processo de escrita histórico tradicional se refere ao uso de fábulas, as quais considerava a mais grosseira de todas as espécies de mentira que entulham os livros de história (LOPES, 2001, p. 26; BARROS, 2012, p. 7). Apesar disso, Voltaire expressava que era perfeitamente possível lançar

⁹ O imanentismo é nome dado às doutrinas ou sistemas que afirmam apenas a imanência, negando a transcendência de um ser ao mundo. O panteísmo, por ex., é imanentista, enquanto o criacionismo cristão é transcendente. Os modernistas, condenados pela encíclica papal *Pascendi Dominici gregis*, consideravam-se imanentistas, mas num sentido muito específico, como seja o de admitir que a religião surge de “um resultado espontâneo de inextinguíveis exigências do espírito humano, que encontram sua satisfação na experiência íntima e afetiva da presença do divino em nós”, sem que em tais palavras, conforme afirmavam, quisessem negar a transcendência de Deus (SANTOS, 1963).

sobre elas um olhar filosófico. Em suas palavras: “Ah! Se as fábulas nos são necessárias, que sejam, ao menos, o emblema da verdade. [...] Gosto das fábulas dos filósofos, rio daquelas das crianças e detesto as dos impostores” (VOLTAIRE, 1972, p. 301-359). Em seu *Dicionário filosófico*, também declara: “É impossível deixar de reconhecer nessas fábulas uma pintura viva de toda a natureza” (VOLTAIRE, 1978). Guitton (1994, p. 7-9) afirma que, mediante o fato de se falar tanto do racionalismo das Luzes, acabou-se por esquecer que os filósofos não eram meras máquinas de pensar, também tinham uma imaginação e um coração, especialmente Voltaire, amiúde tachado de insensível e relegado ao mundo das ideias ou, a rigor, àquele das belas causas.

Como esclarece Crépon (2000, p. 77), apesar da crítica de Voltaire parecer simples, ela traz consigo o início de uma crítica que terá longo alcance. Em concordância, Priscila Aragão Zaninetti (2018, p. 154), explica que a concepção histórica voltairiana, mediante a aplicação do aparato metodológico, buscava a constatação de um relato histórico dito verdadeiro em detrimento da fábula, de modo a se observar o progresso das manifestações humanas. Em outras palavras, o tempo da história para Voltaire não seria outro que não o tempo dos homens, do desenvolvimento dos seus costumes, do fortalecimento de seus espíritos, do aperfeiçoamento de suas faculdades.

Uma explicação mais concisa da visão da historiográfica de Voltaire pode ser encontrado em seu verbete *Histoire*, presente na *Encyclopédie* de Denis Diderot e Jean le Rond d’Alembert (1765), na qual exige dos historiadores modernos mais atenção à população, costumes, leis, comércio, finanças, agricultura, entre outros temas que envolviam cultura, política, economia e sociedade. Voltaire também aconselhava maior rigor no tratamento das fontes e na forma de escrever a história, como mais detalhes, fatos mais apurados e datas precisas. Tanto para Paul Sakmann (1971, p. 24-59) quanto para Peter Gay (1988), a produção histórica de Voltaire impôs valores iluministas ao passado, mas ao mesmo tempo ajudou a libertar a historiografia do antiquarismo, do eurocentrismo, da intolerância religiosa e da concentração nos grandes homens, na diplomacia e na guerra. Peter Gay (1957, p. 182-199), em outra oportunidade, já afirmava que Voltaire escreveu “uma história muito boa”, citando sua “escrupulosa preocupação com as verdades”, agindo como uma “peneira cuidadosa de evidências”, e selecionando de modo “o que é importante”, com um “senso de drama” e “compreensão do fato de que toda civilização é uma unidade de estudo”.

Peter Burke (1992, p. 19), salienta que, no Século das Luzes, houve um movimento de um tipo de escrita da história que não estava confinada aos acontecimentos militares e políticos, mas “[...] relacionada às leis, ao comércio, à *manière de penser* de uma determinada sociedade, com seus hábitos e costumes, com o ‘espírito da época’”. Lopes (2001, p. 39), por sua vez, ressalta que Voltaire traçou um programa ambicioso para tal escrita da história, sendo o historiador compelido a apresentar “[...]”

sagacidade crítica contra o fantástico e o inverossímil, exigência de clareza e concisão de estilo, composição ordenada e equilibrada dos temas abordados, apego a provas documentais, valorização dos usos e costumes entre os povos como assunto relevante”, apesar de o próprio Voltaire, muitas vezes, esquivar de seu próprio roteiro, como bem destaca Brumfitt (1958, p. 129). Além do verbete *História*, presente na *Enciclopédia*, tais elementos podem ser encontrados, sobretudo, em *Observações sobre a história e Novas considerações sobre a história*.

Por suas formulações teórico-metodológicas, muitos historiadores atribuem às obras de Voltaire um caráter majoritariamente moderno e sofisticado (BARROS, 2012, p. 8). A tendência em acentuar a modernidade nas obras históricas de Voltaire se popularizou a partir de 1911, com o historiador Eduard Fueter (1911, p. 41), ao afirmar que *O século de Luís XIV* era um divisor de águas entre uma história antiga e uma história moderna. Igualmente, Georges Lefebvre (1974, p. 17; 131) escreve que “Voltaire é o primeiro mestre da história racionalista e, em nossa opinião, o fundador da história verdadeiramente moderna”, embora não tenha deixado de pensar, ao escrever seus livros de história, “[...] no ‘déspota esclarecido’, o príncipe filósofo por quem pronunciava seus anseios”. Jacques Le Goff (1990, p. 123; 2011, p. 145), vai ainda mais longe, ao declarar que a *Nouvelle histoire* é herdeira legítima de Voltaire, sendo ele um de seus grandes patronos. Isso devido à proximidade com as regras do discurso histórico moderno, que consistem em afirmar apenas o que os documentos dizem; ter olhar crítico para discernir o que é verdadeiro ou falso nas fontes; e, sobretudo, reunir e confrontar um *corpus* documental confiável. Para Barros (2012, p. 11), contudo, se o “Voltaire-historiador” não avançou até essa crítica documental defendida, pode-se dizer que “[...] ele antecipa Kant na importância que atribui à Crítica no seio das produções intelectuais e dos sistemas de pensamento”. Mas, por outro lado, também acredita que a crítica aos excessos factuais e à erudição inútil em favor de uma história que se preocupe com a amplitude de questões a serem consideradas para além dos meros fatos políticos justifica as percepções do modernismo historiográfico de Voltaire pelos *Annales* e, talvez por isso, que Marc Bloch e Lucien Febvre, assim como outros historiadores ligados à *Nouvelle Histoire*, incluíam Voltaire entre aqueles que se diferenciam dos historiadores factuais de suas épocas (BARROS, 2012, p. 30).

Uma das obras de Voltaire, também considerada como uma das precursoras da história moderna é, sem dúvida, seu *Ensaio sobre os costumes*, definida por Andre Maurois (1989, p. 23-25) como “[...] um panfleto contra a história sobrenatural, apesar de que ao remover “[...] os preconceitos dos historiadores cristãos, ele não deixa de substituí-los pelos seus próprios, que não são, aliás, menos perigosos”, como enxergar toda a história da Idade Média como um “[...] amontoado de crimes, de loucuras, de infelicidades”.¹⁰

¹⁰ Maurois (1989, p. 25) afirma ainda que Voltaire admirou intensamente na Inglaterra “[...] a liberdade de

Entretanto, Voltaire é admirável quando descobre, sob a diversidade dos costumes e das crenças, uma identidade profunda nas instituições. O autor acrescenta que Voltaire “[...] vê por toda parte leis estabelecidas a fim de manter o que é essencial ao gênero humano e impedir a sua ruína total – quer dizer, a vida das famílias, a propriedade, a segurança e um freio imposto ao poder arbitrário pela lei ou ao menos pelos costumes” (MAUROIS, 1989, p. 25).

Para Lopes (2001, p. 39-47), não há dúvida de que Voltaire desejou estender sua história aos homens comuns, aos temas até então sequer vislumbrados, como a história da cultura dos povos, uma vez que não se dirigia somente aos reis. Mas ressalta que é nos reis que ele pensa como seus principais interlocutores, que a distância em relação aos velhos gêneros preservados pela história do século XVII não foi tão notável quanto se proclama, e que sua abordagem permanece essencialmente semelhante a uma história de extração política, com um espaço marcante ocupado pela realeza e pela narrativa não apenas de grandes feitos militares, como também de um autêntico catálogo de virtudes e vícios.

De acordo com Georges Gusdorf (1960, p. 226), a despeito de qualquer originalidade, a história feita por Voltaire possui uma dimensão única, pois ela desconhece a multiplicidade dos tempos, a diversidade das épocas, não simpatiza, julga, condena em bloco tudo o que não está de acordo com os valores que defende, além de pretender inscrever o conjunto do passado no espaço mental do presente. Contrariando Gusdorf, Lopes (2001, p. 88) afirma que Voltaire identifica saltos qualitativos tanto no que se refere a paralelos entre as duas épocas quanto no que tange ao desenvolvimento dentro de seus pares, uma vez que o Príncipe das Luzes estava do lado dos modernos. É preciso advertir que ser historiador, na França do século XVIII, implicava falar de temas considerados apropriados, devendo estar, fundamentalmente, inseridos em períodos-chave da história do reino. Por essa razão, concordamos com Lopes (2001, p. 47), ao declarar que não se trata de esvaziar o talento e originalidade de Voltaire, mas de “[...] estabelecer um termo justo entra a herança recebida e o emprego ‘revolucionário’ dela”.

Numa tentativa de sistematizar as concepções historiográficas de Voltaire, alguns autores, como M. Crépon (2000, p. 76) e Edmilson Menezes (2014, p. 59), sustentam que o filósofo francês exprime duas posições bastante nítidas quanto à história e seus usos: a crítica do discurso histórico e a integração entre a visão da humanidade ao seu progresso. Em outras palavras, ao historiador espera-se uma nova postura, isto é, o abandono do relato crédulo em favor de um método crítico. Já à história, essa deveria estar alinhada apenas aos elementos úteis à compreensão da humanidade no tempo,

pensamento e de expressão, tolerância, supremacia do poder civil sobre o poder religioso, possibilidade para os homens de classe inferior ascender às classes superiores, monarquia constitucional controlada”.

em vista da maior autonomia frente a um misterioso passado, tal qual oferecido pelas correntes antigas da história.

A dicotomia entre história antiga e moderna, sem dúvida, exerce um papel fundamental na análise dos escritos de Voltaire. Apesar disso, na perspectiva de Priscila Aragão Zaninetti (2018, p. 149), mais interessante do que contrapor conservadorismo a uma originalidade absoluta da concepção histórica do filósofo francês, seria considerá-lo como pertencente a um momento de intersecção entre os princípios legados pela tradição historiográfica dos séculos anteriores e os novos preceitos elaborados por ele e por seus pares. Nesse sentido, a ambivalência do conceito voltairiano de história poderia ser entendida não como a dualidade de teses aparentemente contraditórias, mas como o aperfeiçoamento do aparato intelectual e conceitual legado pela tradição à modernidade.

Considerações finais

A produção historiográfica de Voltaire, ao lado de suas reflexões filosóficas sobre a história, além de seus textos literários e produções dramáticas constitui um conjunto muito rico de obras, atravessados por continuidades e discontinuidades de sua carreira, bem como de sua trajetória em tempos de mudança, que são os anos do século XVIII.

Em concordância a respeito das convicções iluministas do Príncipe das Luzes, Marcos Lopes (2001), Georges Rudé (1988) e John Bury (1971), entre outros historiadores, afirmam que dentre os homens das luzes, Voltaire não era demasiadamente convicto acerca da possibilidade de um progresso inexorável, não podendo ser qualificado como mais um dos ficcionistas proféticos das Luzes. De fato, não há muitos indicativos de que tenha sido um partidário radical dos ideais iluministas. Porém, sem muitas dúvidas, é um adepto moderado, centrado em algum lugar entre Rousseau e Condorcet, com sua filosofia fortemente ligada à história (DAGEN, 1977, p. 317).

No que diz respeito às suas preposições no âmbito historiográfico, Voltaire destaca as virtudes e os vícios de uma época, de um príncipe, de um povo, como de governantes que considerava exemplares, ao mesmo tempo em que criticava, proferia discursos e escrevia cartas contra quem considerava injusto. Porém, como ressalta Lefebvre (1974, p. 142), ele foi magnânimo em cometer injustiças, já que “trabalhava depressa” e sua “informação era, frequentemente, superficial”. Entretanto, suas ações fundadas em atos pessoais não atenuam o valor e a importância que Voltaire teve para seu século, como para os posteriores. O Príncipe das Luzes, no *métier* historiográfico, mostrou-se preocupado em utilizar documentos inéditos, incluindo focar em novos objetos e

temas, como o comércio internacional e as transformações no âmbito da cultura dos diferentes povos. Suas inúmeras idas e vindas por toda a Europa, especialmente para a Inglaterra, favorecerem-no a desenvolver um senso de relatividade de valores e chegar à conclusão de que a diversidade cultural era um fato importante demais para ser negligenciado numa obra intelectual. Seria esse senso crítico um dos principais fatores para ser enxergado pela historiografia como um dos precursores da história moderna. Como afirma Lopes (2001), a originalidade de Voltaire se revela nos “[...] resultados que alcança ao transformar tais ideias sobre a história, a religião e a política em método de interpretação do mundo”.

Voltaire, nos estudos de seus diversos intérpretes, encarna o ideal do homem renascentista, ou seja, o sábio que transita com desenvoltura pelos mais diversos campos do conhecimento, indo da crítica literária à física e matemática, sem deixar de passar pela dramaturgia, pelo jornalismo, pela filosofia, pela política e pela história. Sem receio de afirmar, Voltaire pode ser considerado uma das mentes enciclopédicas mais simbólicas do século XVIII.

Mediante a análise da historiografia, também concluímos que poucas são as ocorrências de um Voltaire que compartilha ideias pessoais com outros indivíduos, ou mesmo de um Voltaire inserido em determinados grupos ou redes sociais. O contrário, contudo, é recorrente, posto que sabemos da existência de indivíduos aliados contra ele. O Príncipe das Luzes foi considerado um combatente solitário que não dispensava seus aliados, mas que era incapaz de mantê-los ao seu redor. Apesar disso, Voltaire foi um dos homens mais influentes de seu tempo; isso graças ao seu talento literário e ao poder destrutivo de seus textos. Lopes (2001, p. 81) defende que, com Voltaire, a literatura foi “[...] arregimentada pela primeira vez em peça de artilharia pesada, num século XVIII marcado pela voga do anticlericalismo, pela crítica impiedosa dos desvarios da Igreja, dos excessos do absolutismo monárquico e dos privilégios da sociedade aristocrática”. Voltaire, de uma forma ou de outra, foi reconhecido até mesmo entre os círculos mais conservadores de seu tempo, como também em meio aos conservadores da cultura europeia do século XIX.

Se por um lado Voltaire teve fama e glória, por outro a censura o fez um de seus autores preferidos. Foi ele um campeão de publicações na segunda metade do século XVIII, de modo que, em duzentos anos, suas obras completas foram publicadas seis vezes mais que as de Rousseau, por exemplo. A esse respeito, Darnton (1992, p. 153) declara que “[...] o fenômeno Voltaire é excepcional. A infernal fábrica em Ferney só diminui sua produção com a morte do patriarca em 1778, desencadeando no decorrer da década de 1780 uma guerra pela edição de suas obras completas”.

A historiografia reservou muitos epítetos e descrições para Voltaire. Para Michelet (1844), o Príncipe das Luzes foi uma espécie de revolução encarnada em um ser humano

e, mais do que um século, foi a expressão dos três séculos anteriores. Dissimulava, tergiversava, manobrava, mas alcançava os seus objetivos, o que muitas vezes lhe custou a liberdade, embora aumentasse cada vez mais a sua fama. Joseph de Maistre (1821, p. 276) afirma, por exemplo, que “[...] o grande crime de Voltaire é o abuso do talento e a prostituição de um gênio criado para celebrar Deus e a virtude. [...] Paris o coroou, Sodoma o teria banido”. Por sua vez, Jean Orioux (1994, p. 7-8) declara: “Quando nos aprofundamos em sua vida, o volume dos fatos, as piruetas do personagem, suas contradições, seus subterfúgios dão vertigem. [...] A vida de Voltaire é um balé. Nada é mais revelado da natureza profunda de Voltaire que a rapidez. Ele muda de toma, de tema, de rosto, numa cadência incrível”.

Em meio a uma expressiva continuidade de trabalhos a respeito de Voltaire, dificilmente teríamos uma opinião mútua sobre suas concepções políticas ou mesmo históricas. Não obstante a isso, a posição de Voltaire entre os historiadores é singular, e podemos dizer que suas obras estão no ponto de inflexão entre uma antiga era historiográfica, na qual coexistiram os mais diversos tipos de fazeres históricos, para uma nova era historiográfica, na qual houve o incremento de técnicas e métodos que deram o pontapé a um status de cientificidade. O século XVIII assistiu ao surgimento tanto das filosofias da história quanto dos primeiros paradigmas da historiografia moderna. Voltaire, inclusive, foi o primeiro pensador a utilizar a expressão “filosofia da história”.

Por fim, compreendemos que a singularidade de Voltaire para a historiografia é, no mínimo, ambígua. Nos valendo das inferências de José d’Assunção Barros (2012, p. 14), podemos dizer que Voltaire é percebido como expressão de três épocas distintas. Em primeiro lugar, da antiga era historiográfica, aquela de Heródoto ao início do século XVIII. Em segundo lugar, do terreno ainda incerto, porém fértil, dos primeiros anseios da historiografia científica, que se consolidaria no século XIX. E, por último, de um futuro historiográfico ainda mais distante, aqueles dos *Annales* no século XX. Sem dúvida, o conjunto de obras literárias, dramaturgias, filosóficas e historiográficas de Voltaire serviu e ainda serve como fomento para reflexões no âmbito da historiografia e da teoria da história.

Referências

Fontes

MAISTRE, J. de. *Les Soirées de Saint-Pétersbourg, ou Entretiens sur le Gouvernement Temporel de la Providence*. Paris: Librairie Grecque, Latine et Française, 1821. t. II.

- MICHELET, J. *Histoire de la révolution française*. Paris: Chamerot, 1846. t. 1.
- MICHELET, J. *Journal*, 28 août 1844.
- MONTESQUIEU. *Mes Pensées*. Oeuvres complètes. Paris: Gallimard, 1949.
- VOLTAIRE. *Cartas filosóficas*. Tradução de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. Tradução de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- VOLTAIRE. Histoire. In: DIDEROT, D.; D'ALEMBERT, J. Le R. (éd.). *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Neufchâtel: Chez Samuel Faulche & Compagnie, Libraires & Imprimeurs, 1765, p. 220-225. t. 8.
- VOLTAIRE. Letter D72. In: CRONK, N. (ed.). *Electronic Enlightenment Project*. Translated by T. D. N. Besterman. Oxford: University of Oxford, 2008.
- VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância*. Tradução de Bede Ana Luiza Reis. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VOLTAIRE. *O ingênuo: história verdadeira, tirada dos manuscritos do padre Quesnel*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1972, p. 301-359.

Bibliografia

- ALBERT, D M. Notes on Voltaire's 'The elements of Sir Isaac Newton's Philosophy'. *Documenta ophthalmologica*, v. 94, n. 1-2, p. 59-81, 1997.
- BARROS, J. C. D'A. Voltaire: considerações sobre sua historiografia e filosofia da história. *Revista de Teoria da História*, ano 3, n. 7, p. 7-40, 2012.
- BENTIVOGLIO, J. Voltaire ou o Iluminismo como vocação: a afirmação da crítica ao absolutismo. In: BARBOSA, W (org.). *Estado e poder político: do pragmatismo político à ideia de contrato social*. Goiânia: Editora Viera; UCG, 2005, p. 171-202.
- BRUMFITT, J. H. *Voltaire historian*. New York: New York University Press, 1958.
- BURKE, P. *A escrita da História*. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- BURY, J. *La idea del progreso*. Madri: Alianza Editorial.
- CASSIRER, E. *Ensaio sobre o homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- CASSIRER, E. *O mito do Estado*. Lisboa: Publicações Europa América, 1961.
- Chantin, J.-P. *Le Jansénisme: entre hérésie imaginaire et résistance catholique*. Paris: Cerf, 1996.
- CHAUÍ, M. Consultoria. In: VOLTAIRE. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

- CHAUSSINAND-NOGARET, G. *Voltaire et le siècle des Lumières*. Bruxelles: Éditions Complexe, 1994.
- CRÉPON, M. La Double Philosophie de l'Histoire de Voltaire. In: BINOCHE, B.; TINLAND, F. (éd.). *Sens du Devenir et Pensée de l'Histoire au Temps des Lumières*. Seyssel: Champ Vallon, 2000.
- DAGEN, J. *L'Histoire de l'Esprit Humain dans la Pensée Française de Fontenelle a Condorcet*. Paris: Klincksieck, 1977.
- DARNTON, R. *Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII*. São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- DAVIDSON, I. Voltaire in England. *The Telegraph*, 9 apr. 2010.
- DE SYON, G. Voltaire 1694-1778: French philosopher and historian. In: BOYD, K. (ed.). *Encyclopedia of historians and historical writing*. London: Fitzroy Dearborn, 1999, p. 1270-1272. v. 2.
- FALCON, F. J. C. *Iluminismo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FITZPATRICK, M. Toleration and the Enlightenment movement. In: GRELL, O. P.; PORTER, R. (ed.). *Toleration in Enlightenment Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- FUETER, E. *Der Neueren Historiographie*. Munich: Druck und Verlag, 1911.
- GODECHOT, J. Le Siècle des Lumières. GROUSSET, R. ; E.G. LEONARD, E. G. (éd.). *Histoire universelle*. Paris: Gallimard, 1958. v. 3.
- GOLDZINK, J. *Voltaire, la légende de Saint Arouet*. Paris: Gallimard, 1994.
- GUITTON, É. Préface. In: VOLTAIRE. *Romans et contes*. Paris: Librairie Générale Française, 1994.
- GUSDORF, G. *L'éveil du sens historique*. Introduction aux sciences humaines. Paris: CNRS, 1960.
- HAZARD, P. *A crise da consciência europeia (1680-1715)*. Lisboa: Cosmos, 1948.
- HUPPERT, G. *L'idée de l'histoire parfaite*. Paris: Flammarion, 1973.
- KOSELLECK, R. *Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: Eduerj: Contraponto, 1999.
- LE GOFF, J. A História Nova. In: NOVAIS, F.; SILVA, R. F. da (org.). *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac & Naify, 2011, p. 129-176. v. 1.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- LEFEBVRE, G. *El nacimiento de la historiografía moderna*. Barcelona: Martinez Roca, 1974.
- LEPAPE, P. *Voltaire: nascimento dos intelectuais no Século das Luzes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

- LOPES, M. A. *Voltaire historiador: uma introdução ao pensamento histórico na época do Iluminismo*. Campinas: Papirus, 2001.
- MARTIN-HAAG, E. A modernidade de Voltaire: pensar o presente. *Dois Pontos*, v. 9, n. 3, p. 13-28, 2012.
- MARTIN-HAAG, E. *Voltaire, du cartésianisme aux Lumières*. Paris: J. Vrin, 2002.
- MAUROIS, A. *O pensamento vivo de Voltaire*. São Paulo: Martins, 1965.
- MENEZES, E. Duas posições de Voltaire sobre a história. *Philosophica*, v. 43, p. 59-76, 2014.
- MITFORD, N. *Frederick the Great*. New York: Harper & Row, 1970.
- MITFORD, N. *Voltaire in love*. London: Hamish Hamilton, 1957.
- ORIEUX, J. *Voltaire ou la royauté de l'esprit*. Paris: Flammarion, 1994.
- PEARSON, R. *Voltaire almighty: a life in pursuit of freedom*. London: Bloomsbury, 2005.
- PILLORGET, S. *Apogeu e declínio das sociedades de ordens (1610-1787)*. Lisboa: Dom Quixote, 1981.
- POMEAU, R. Présentation. In: VOLTAIRE. *Essai sur les mœurs*. Paris: Bordas, 1990.
- POMEAU, R. *Voltaire*. Paris: Seuil, 1994.
- RUDÉ, G. *A Europa no século XVIII*. Lisboa: Gradiva, 1988.
- SANTOS, M. F. dos. *Dicionário de Filosofia e Ciências Culturais*. São Paulo: Matese, 1963.
- SOUZA, M. das G. de. *Ilustração e história: o pensamento sobre a história no Iluminismo francês*. São Paulo: Discurso editorial, 2001.
- THACKER, C. *Voltaire*. London: Routledge and K. Paul, 1971.
- VENTURI, F. *Utopia e reforma no Iluminismo*. Bauru: Edusc, 2003.
- VROOMAN, J.-R. Voltaire-s theatre: the cycle from Edipe to Merope. In: BESTERMAN, T. (ed.). *Studies on Voltaire and the VIII century*. Genève: Institut et Musée Voltaire; Les Delics, 1970. v. LXXV.
- ZANINETTI, P. A. *O conceito de história em Voltaire*. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.